



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE/PB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

ANDRÉ GUILHERME GOMES NASCIMENTO

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: Um estudo dos índices financeiros
na empresa CODEVASF

CAMPINA GRANDE

2018

ANDRÉ GUILHERME GOMES NASCIMENTO

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: Um estudo dos índices financeiros
na empresa CODEVASF

Trabalho de Conclusão de apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis.

Área de concentração: Contabilidade Gerencial

Orientador: Prof. Me. Gilberto Franco de Lima Júnior.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244a Nascimento, André Guilherme Gomes.
Análise das demonstrações contábeis [manuscrito] : um estudo dos índices financeiros na empresa Codevasf / Andre Guilherme Gomes Nascimento. - 2018.
37 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Gilberto Franco de Lima Júnior, Coordenação do Curso de Ciências Contábeis - CCSA."
1. Demonstrações contábeis. 2. Codevasf. 3. Índices financeiros. 4. Contabilidade financeira. I. Título
21. ed. CDD 657

ANDRÉ GUILHERME GOMES NASCIMENTO

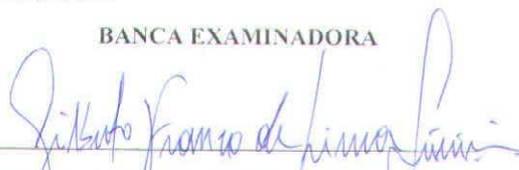
ANALISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: UM ESTUDO DOS
ÍNDICES FINANCEIROS NA EMPRESA CODEVASF

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Graduação em
Ciências Contábeis da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel
em Ciências Contábeis.

Área de concentração: Contabilidade
Gerencial

Aprovada em: 21/11/2018.

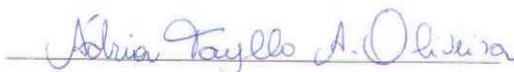
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Gilberto Franco de Lima Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Ms. Anne Isabelly Pereira das Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Ms. Ádria Tayllo Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, ao meu pai Gerrilan, minha mãe Maria Aparecida e as minhas irmãs Allana e Giovanna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Inicialmente a Deus, por ter iluminado meu caminho e me dado forças para seguir firme durante essa caminhada que por muitas vezes foi árdua, mas gratificante.

Aos meus pais que não mediram esforços durante todo esse período para me proporcionar sempre as melhores condições para seguir em frente.

As minhas irmãs por toda atenção e carinho para que eu pudesse seguir firme nos meus objetivos.

Ao Prof. Me. Gilberto Franco de Lima Júnior pelo apoio dado durante o processo de construção deste trabalho.

Aos colegas de classe que ao longo desses anos se fizeram presente durante as noites da semana para compartilharmos momentos e conhecimento.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que pudesse chegar ao final dessa jornada cheio de novas perspectivas e sonhos a serem concretizados. Meu muito obrigado por torcerem e vibrarem com a minha conquista.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Índice de Liquidez Geral	26
Quadro 2 – Índice de Liquidez Corrente	27
Quadro 3 – Índice de Liquidez Imediata	28
Quadro 4 – Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais	30
Quadro 5 – Composição de Envidamento	31
Quadro 6 – Imobilização do Capital Próprio.....	32
Quadro 7 – Giro do Ativo.....	33
Quadro 8 – Margem de Lucro	34
Quadro 9 – Retorno do Patrimônio Líquido	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Liquidez Geral - CODEVASF	26
Gráfico 2 – Liquidez Corrente - CODEVASF	27
Gráfico 3 – Liquidez Imediata - CODEVASF	28
Gráfico 4 – Comparação dos Índices de Liquidez.....	29
Gráfico 5 – Comparação dos Índices de Liquidez.....	30
Gráfico 6 – Comparação de Envidamento - CODEVASF	31
Gráfico 7 – Imobilização do Capital Próprio - CODEVASF	32
Gráfico 8 – Giro do Ativo - CODEVASF	33
Gráfico 9 – Margem de Lucro - CODEVASF	34
Gráfico 10 – Retorno do Patrimônio Líquido - CODEVASF	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

AC	Ativos Circulante
CE	Composição de Endividamento
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
ELP	Exigível  Longo Prazo
ICP	Imobilização do Capital Próprio
ILG	ndice de Liquidez Geral
PAC	Programa de Aceleração e Crescimento
PC	Passivos Circulante
PCT	Participantes de Capitais de Terceiros
PPPs	Parcerias Público-Privadas
RLP	Realizável  Longo Prazo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral comparar as informações geradas pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF, com as informações geradas por meio da Análise das Demonstrações Contábeis. Estudo feito a partir da conceituação da Análise das Demonstrações Contábeis, por meio de pesquisas à literatura, consulta a trabalhos acadêmicos dentre outros, tratando-se de um trabalho com o objetivo de evidenciar as possibilidades de conhecimento da situação econômico-financeira de uma empresa por meio das técnicas e fórmulas usuais. Foram elaborados vários indicadores da empresa, tais como os que compõem o endividamento da empresa, índices de liquidez e os quocientes de rentabilidade, possibilitando análise dos três exercícios e sua evolução. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e quantitativa quanto à natureza, do tipo descritiva quanto aos objetivos, sendo realizada por meio de um estudo de caso na CODEVASF. Com estes elementos foi possível elaborar a descrição da situação econômico-financeira da empresa. Embora esta análise não tenha uma importância para alguns administradores, é um instrumento essencial para o gerenciamento administrativo e para a empresa verificar o seu desempenho econômico-financeiro.

Palavras-chaves: Demonstrações Contábeis, CODEVASF, Índices Financeiros.

ABSTRACT

This work has as main objective to compare the information generated by the Development Company of the Valley of the São Francisco and Parnaíba – CODEVASF, with the information generated by Analysis of Financial Statements. Study from the conceptualization of the Analysis of Financial Statements through literature searches, consultation with academic papers among others, in the case of a work aiming to demonstrate the possibilities of knowledge of the economic and financial situation of a company by means of usual techniques and formulas. Several indicators of the company, such as those that make up the company's indebtedness, liquidity ratios and profitability ratios, enabling analysis of three years and its evolution were made. The research is characterized as qualitative and quantitative nature, of the descriptive type with regard to the objectives, being carried out by means of a case study in CODEVASF. With these elements it was possible to establish a description of the economic and financial situation of the company. Although this analysis does not have a certain importance to administrators, is an essential tool for the administrative management and to verify the company's economic and financial performance.

Keywords: Accounting Statements, CODEVASF, Financial Ratios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 Índices de Liquidez	14
1.1.1 Índice de Liquidez Geral	14
1.1.2 Índice de Liquidez Corrente	15
1.1.3 Índice de Liquidez Seca.....	16
1.1.4 Índice de Liquidez Imediata	17
1.2 Índices de Estrutura	17
1.2.1 Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais (PCT)	19
1.2.2 Composição de Endividamento (CE)	19
1.2.3 Imobilização do Capital Próprio (ICP).....	20
1.3 Índices de Rentabilidade	20
1.3.1 Giro do Ativo	21
1.3.2 Margem de Lucro	21
1.3.3 Rentabilidade do Patrimônio Líquido.....	22
2 METODOLOGIA	23
3 ESTUDO DE CASO	25
3.1 Características gerais da empresa estudada	25
3.2 Análise das demonstrações contábeis da CODEVASF	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

A análise das demonstrações contábeis é uma técnica que permite ao contador, analisar, comparar, interpretar e controlar os dados contábeis da melhor forma possível, transformando-os em informações úteis ao gestor nas tomadas de decisões.

Este trabalho foi elaborado com o propósito de compreender a importância da análise das demonstrações contábeis utilizando os índices financeiros para tomada de decisões empresariais e sua contribuição para o desempenho econômico-financeiro de uma empresa.

A análise das demonstrações contábeis tem por objetivo observar e confrontar os elementos patrimoniais e os resultados das operações, visando ao conhecimento minucioso de sua composição qualitativa e de sua expressão quantitativa, de modo a revelar os fatores antecedentes e determinantes da situação atual, e, também, a servir de ponto de partida para delinear o comportamento futuro da empresa.

Tanto mais eficiente será a análise quanto melhor for o conhecimento do analista a respeito das operações da empresa analisada, conhecimento este em que se entende a política administrativa em seus aspectos internos e externos.

A interpretação dos elementos obtidos nas análises, a partir das Demonstrações Contábeis, faz com os valores ali contidos deixem de ser apenas um conjunto de dados e passem a ter valor como informação.

Considera-se que a análise das demonstrações contábeis é uma arte, pois, embora existam cálculos razoavelmente formalizados, não existe forma científica ou metodologicamente comprovada de relacionar os índices de maneira a obter um diagnóstico preciso. Cada analista poderia, com o mesmo conjunto de informações e de quocientes, chegar a conclusões ligeiras ou até completamente diferenciadas. É provável, todavia, que dois analistas experimentados, conhecendo igualmente bem o ramo de atividade da empresa, cheguem a conclusões bastante parecidas (mas nunca idênticas) sobre a situação atual da empresa, embora quase sempre apontassem tendências diferentes, pelo menos em grau, para o empreendimento.

Tanto a prática como a literatura tem revelado que a análise de balanços é uma das tarefas mais difíceis e complexas entre as inúmeras que os contadores possuem na missão de contribuir para o desenvolvimento das empresas.

Partindo-se da hipótese de que parte do elenco de informações que as empresas utilizam para tomar decisões está nas demonstrações contábeis, especialmente no suplemento

de análise destas demonstrações, há que se afirmar que a importância em se proceder à análise financeira e de balanços é de um grau de relevância extremamente alto.

O objeto de estudo é a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF, essa empresa vem apresentando prejuízos nos últimos anos. Sendo assim, utilizou-se alguns índices de liquidez, estrutura e rentabilidade para analisarmos o porquê desse prejuízo e como pode-se reverter esse prejuízo em lucro.

O Professor Sérgio de IUDÍCIBUS (1995, p.67) alerta:

É muito mais útil calcular certo número selecionado de índices e quocientes, de forma consistente, de período para período, e compará-los com padrões preestabelecidos e tentar, a partir daí, tirar uma ideia de quais problemas merecem uma investigação maior, do que apurar dezenas e dezenas de índices, sem correlação entre si, sem comparações e, ainda, pretender dar um enfoque e uma significação absolutos a tais índices e quocientes.

Visto sob este aspecto, a presente pesquisa teve como objetivo geral: “realizar uma análise nos demonstrativos contábeis levantando informações a respeito da situação financeira e econômica da CODEVASF”. Com o intuito de atingir o objetivo geral e a sua complementação, de acordo com as etapas consecutivas, os objetivos específicos são: a) quantificar os índices de liquidez do escritório; b) apresentar os índices de estrutura de capital; e c) levantar quais os valores referentes aos índices de rentabilidade dos exercícios sociais analisados. Diante disso, a análise das demonstrações contábeis da CODEVASF trará bons resultados em relação aos valores extraídos dos índices financeiros?

O estudo justifica-se pela importância de uma análise financeira e econômica detalhada para qualquer empresa independente do seu porte ou ramo de atuação, isso porque ela proporciona uma visão geral de como estão sendo realizados os processos e seus respectivos retornos com base em informações precisas e seguras tanto para facilitar a tomada de decisão, quanto para direcionar investimentos futuros. Com isso é possível propor melhorias acerca das atividades desenvolvidas para otimização de recursos utilizados.

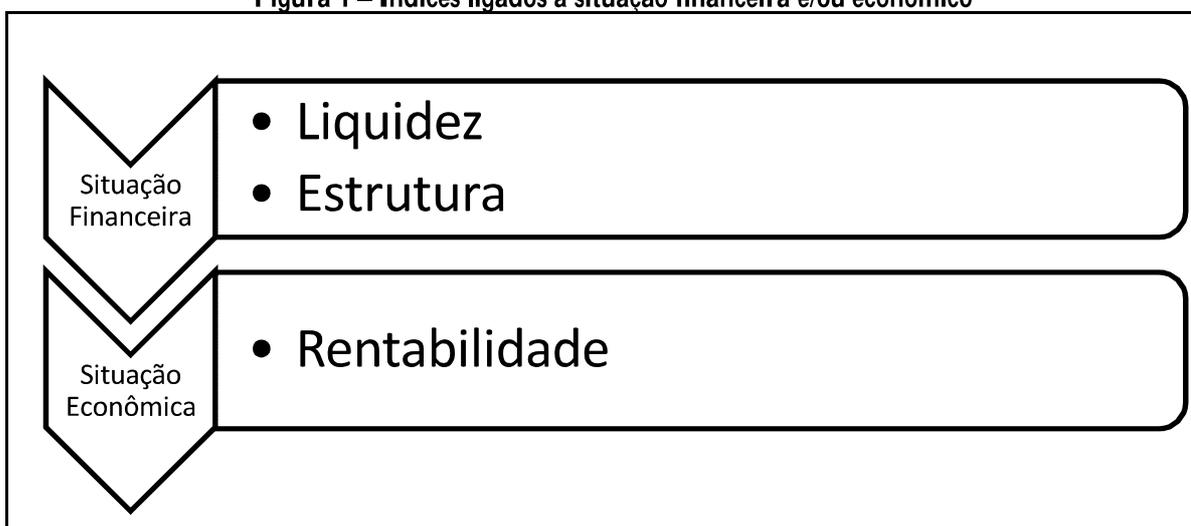
1 REFERENCIAL TEÓRICO

Os índices constituem o instrumento básico da Análise das Demonstrações Contábeis. Por si só eles dão a verdadeira situação econômico-financeira de uma empresa. Se faz necessária a análise em conjunto e em comparação com padrões, e a importância relativa de cada um. Segundo Matarazzo (1992, p. 96), “Índice é a relação entre contas ou grupo de contas das Demonstrações Financeiras, que visa evidenciar aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa.” Os índices são os elementos mais utilizados em Análise das Demonstrações Contábeis e é possível confundir a análise de um balanço com a apresentação de seus índices. Os índices são indicadores do quadro geral da empresa, mas não são os únicos elementos disponíveis para traçar o perfil de uma entidade. Nem sempre índices considerados ruins indicam que a empresa esteja a beira da insolvência.

O método de análise por meio de índices tem por base as relações existentes entre contas, grupos ou subgrupos de contas das demonstrações financeiras. Sanvicente, (1983, p.162), diz que: “índices são grandezas comparáveis obtidas a partir de valores monetários absolutos destinados a medir a posição financeira e os níveis de desempenho da empresa em diversos aspectos”. Sendo assim essa análise visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira da empresa.

Neste aspecto Matarazzo, (1998, p. 153), diz que: “Inicialmente, analisa-se a situação financeira separadamente da situação econômica; no momento seguinte, juntam-se as conclusões dessas duas análises”.

Figura 1 – Índices ligados à situação financeira e/ou econômico



Fonte: Adaptado de Matarazzo (1992)

1.1 Índices de Liquidez

Os índices de liquidez normalmente empregados são: Liquidez Geral, Liquidez Corrente, Liquidez Seca e Liquidez Imediata. Eles relacionam bens e direitos com obrigações da firma, por intermédio de uma simples operação de divisão. Embora não seja a melhor definição, costuma-se dizer que os índices de liquidez medem o quanto a empresa tem para cada unidade monetária que ela deve.

São utilizados para avaliar a capacidade de pagamento da empresa, isto é, constituem uma apreciação sobre se a empresa tem capacidade para saldar seus compromissos. Essa capacidade de pagamento pode ser avaliada, considerando: longo prazo, curto prazo ou prazo imediato.

Os índices de liquidez visam fornecer um indicador da capacidade da empresa de pagar suas dívidas, a partir da comparação entre os direitos realizáveis e as exigibilidades. No geral, a liquidez decorre da capacidade de a empresa ser lucrativa, da administração de seu ciclo financeiro e de suas decisões estratégicas de investimento e financiamento.

É possível confundir índices de liquidez com índices de capacidade de pagamento. Os índices de liquidez não são índices extraídos do fluxo de caixa que comparam as entradas com as saídas de dinheiro. São índices que, a partir do confronto dos Ativos Circulantes com as Dívidas, procuraram medir quão sólida é a base financeira da empresa. Uma empresa com bons índices de liquidez tem condições de ter boa capacidade de pagar suas dívidas, mas não estará, obrigatoriamente, pagando suas dívidas em dia em função de outras variáveis como prazo, renovação de dívidas etc.

1.1.1 Índice de Liquidez Geral

O Índice de Liquidez Geral (ILG) é calculado a partir da divisão da soma dos ativos circulante (AC) e realizável a longo prazo (RLP) pela soma dos passivos circulante (PC) e exigível a longo prazo (ELP). Sua função é indicar a liquidez da empresa no curto e longo prazo, por isso o nome Liquidez Geral. Uma observação importante é que alguns valores registrados no RLP podem ser dificilmente “realizáveis” na prática, como, por exemplo, determinados depósitos judiciais, os quais deverão ser excluídos do cálculo do ILG.

O índice de liquidez geral é o quociente que evidencia se os recursos financeiros aplicados no Ativo Circulante e no Ativo Realizável a Longo Prazo são suficientes para cobrir

as obrigações totais, ou seja, quanto a empresa tem de Ativo Circulante mais Realizável a Longo Prazo, para cada unidade monetária de obrigação total.

$$\text{Liquidez Geral (LG)} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a LP}}{\text{Passivo Circ.} + \text{Passivo Não Circ.}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

Indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante e Realizável a Longo Prazo para cada \$ 1 de dívida total.

As divergências em datas de recebimento e de pagamento tendem a acentuar-se, quando analisamos períodos longos, ou seja, o recebimento do ativo pode divergir consideravelmente do pagamento do passivo, isso, sem dúvida, empobrece o indicador.

Como os demais, a LG não deve ser vista isoladamente. Pode ser que, num ano em que a empresa adquira um financiamento, investindo-o totalmente em seu ativo permanente, reduza sensivelmente sua LG, o que aumentará consideravelmente o exigível a longo prazo, mas não aumentará o AC e o A.ÑC. (RLP).

1.1.2 Índice de Liquidez Corrente

Este índice indica a capacidade da empresa de quitar suas dívidas do curto prazo considerando todos os recursos do curto prazo, ou seja, é a relação entre o Ativo Circulante e o Passivo Circulante.

$$\text{Liquidez Corrente (LC)} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

Mostra a capacidade de pagamento da empresa no Curto Prazo. Indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante para cada \$ 1 de Passivo Circulante. Em caso de índice superior a 1, indica que os recursos do Passivo Circulante foram investidos no Ativo Circulante. O índice de liquidez corrente é o mais usado, visto que algumas pessoas logo o calculam a fim de medirem a saúde financeira das empresas.

Existe a possibilidade de manipulação do índice de Liquidez Corrente, dada a importância que o mesmo representa. A empresa pode liquidar dívidas antecipadamente, com isso poderá obter um desconto no pagamento além de melhorar o indicador. (Caso da empresa

com índice superior a 1). Se o índice for inferior a 1 poderá elevar seus estoques com compras a prazo.

Segundo Marion (2002) devemos atentar para alguns aspectos, pois este índice não revela exatamente o grau de liquidez de uma empresa, pois se a LC for maior que 1 será boa sendo que não quer dizer que a empresa está pagando em dia suas dívidas, pois pode ter dívidas a ser pagas em trinta dias e recebimentos em sessenta dias, e pode ser que não receba, existe também o caso de estoques superavaliados. Mais uma vez não deve ser comparado um índice isoladamente.

1.1.3 Índice de Liquidez Seca

O índice de Liquidez Seca (LS), conforme Iudícibus, (1982) é uma maneira muito adequada de se avaliar conservadoramente a situação de liquidez da empresa. Eliminando-se os estoques na equação está eliminando uma fonte de incerteza e as influências que a adoção deste ou daquele critério de avaliação dos estoques poderia acarretar. Permanece a incerteza sobre os prazos do Ativo Circulante.

$$\text{Liquidez Seca (LS)} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

Este índice indica, segundo Matarazzo (1992), quanto a empresa possui de Ativo Circulante menos os Estoques para \$ 1 de Passivo Circulante. Este índice visa medir o grau de excelência da situação financeira. Se de um lado, estiver abaixo de determinados padrões do ramo, pode indicar alguma dificuldade de liquidez, raramente tal conclusão será mantida quando o Índice de Liquidez Corrente for satisfatório.

Nem sempre um índice de Liquidez Seca baixo é sintoma de situação financeira apertada. Por exemplo: um supermercado, cujo investimento em estoques é elevadíssimo, em que não há duplicatas a receber (pois vende à vista). Nesse caso, esse índice só pode ser baixo.

A proporção dos estoques dentro do Ativo Circulante pode ser determinada pela simples comparação entre os índices de liquidez corrente e seca; Ex.: Uma queda de 50 % no índice de liquidez seca em relação ao da liquidez corrente (LC = 1,4 _ LS = 0,7), revela que os

estoques representam exatamente 50% do valor total do ativo circulante. Assim, se os dois índices tiverem o mesmo valor numérico (LC=LS), será evidenciada a inexistência de estoques.

Se o índice de LS for muito baixo em relação ao de LC significa que a empresa possui muito estoque, que depende da realização deles para manter sua liquidez. É preciso analisar se esse estoque é fácil de vender, ou seja, se ele gira muitas vezes ao ano ou não.

1.1.4 Índice de Liquidez Imediata

O Índice de liquidez Imediata demonstra quanto a empresa dispõe de numerário para saldar suas dívidas a curto prazo, é identificado dividindo-se o Ativo Disponível pelo Passivo Circulante.

As disponibilidades, de modo geral, compreendem os valores em:

- ☞ Caixa
- ☞ Bancos c/ Movimento
- ☞ Aplicações Financeiras de Curto Prazo (disponíveis para resgate)

$$\text{Liquidez Imediata (LI)} = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

A verdadeira avaliação dos índices de liquidez implica em verificação correta das contas do ativo e passivo da empresa. A composição dessas contas pode valorizar ou desmerecer as conclusões sobre a correta situação da empresa.

Para efeito de análise, é um índice sem muito realce, pois relacionam o dinheiro disponível com valores que vencerão em datas as mais variadas possível, embora a curto prazo. Poderão existir contas vencendo daqui a 5 dias como outras que poderão vencer daqui a 360 dias.

1.2 Índices de Estrutura

Este grupo de índices evidencia a situação financeira da entidade, isto é, procura apontar os grandes caminhos das decisões financeiras em termos de obtenção e aplicação de recursos e também como se encontra o nível de endividamento.

As políticas operacionais e a capacidade de geração de lucro (rentabilidade) também afetam estes indicadores; Relaciona as duas grandes fontes de recursos da empresa; É um indicador de risco ou de dependência a terceiros por parte da empresa.

É neste grupo de índices que se verifica o maior cuidado com relação às interpretações de “quanto maior melhor” e vice-versa. Para justificar a ideia de que a esta interpretação é aplicada de forma geral e não total, veja-se o que diz MARION (1997, p. 464):

Não há dúvida de que, principalmente em época inflacionária, é apetitoso trabalhar mais com Capital de Terceiros que com Capital Próprio. Essa tendência é acentuada quando a maior parte do Capital de Terceiros é composta de ‘exigíveis não onerosos’, isto é, exigíveis que não geram encargos financeiros explicitamente para a empresa (não há juros nem correção monetária: fornecedores, impostos, encargos sociais a pagar etc.).

Daí a necessidade de, no momento de se analisar tais indicadores, tentar qualificá-los ou caracterizá-los, pois uma dívida como complemento dos Capitais Próprios, por exemplo, com finalidade de ampliação, modernização ou expansão do Ativo, é um endividamento sadio, ainda que elevado, uma vez que estas aplicações produtivas irão gerar recursos para saldar os compromissos. Já as dívidas contraídas para pagar outras dívidas que estão vencendo não geram recursos para os pagamentos e a empresa acaba entrando num círculo vicioso de empréstimos sucessivos.

Uma participação exagerada do capital de terceiros em relação ao capital próprio torna a empresa vulnerável a qualquer intempérie. Normalmente, os bancos evitam conceder empréstimos e financiamentos a quem se encontra nessa situação desfavorável.

Nos países desenvolvidos, o alto grau de endividamento das empresas (chega a 60%) decorre da necessidade de renovação do Ativo para torná-lo mais competitivo, o que não seria possível com uso exclusivo de capitais próprios.

Na análise, convém verificar as características do endividamento:

- Endividamento sadio – empresas recorrem a dívidas como um complemento dos capitais próprios para realizar aplicações produtivas no Ativo (ampliação, expansão, realocação, modernização etc).
- Caminho para a insolvência – empresas recorrem a dívidas para pagar outras dívidas que estão vencendo.

1.2.1 Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais (PCT)

O índice de participação de capitais de terceiros indica o percentual de capital de terceiros em relação ao patrimônio líquido, retratando a dependência da empresa em relação aos recursos externos.

$$\text{Participação de Capitais de Terceiros sobre Recurso Totais (PCT)} = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circ.}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Interpretação: Quanto menor, melhor.

A interpretação de um índice não é um processo fácil. Para a empresa internamente, será conveniente o uso de capitais de terceiros quando o lucro gerado pelos ativos for superior ao custo da dívida. Desse modo, se a empresa usa recursos de terceiros pagando x% ao mês, será preciso que ela aplique tais recursos de modo a obter ganho acima de x%. Por outro lado, o analista externo à empresa vai observar o risco provocado pelo endividamento. Um endividamento elevado será sempre um risco maior para os credores, até pelo fato de que “só quebra quem deve”.

Uma empresa capaz de gerar recursos para amortizar as dívidas tem mais capacidade de endividar-se; Este índice indica quanto a empresa tomou de capital de terceiros para cada \$ 100 de capital investido.

1.2.2 Composição de Endividamento (CE)

O índice de Composição de Endividamento indica o percentual de obrigações de curto prazo em relação às dívidas totais. De forma simplificada, após calcular o percentual do grau de participação de capitais de terceiros, avalia-se como estão distribuídas essas dívidas, ou seja, as dívidas que precisam ser pagas com recursos imediatos e também as obrigações de longo prazo, onde a empresa terá mais tempo para gerar recursos e liquidar tais obrigações.

$$\text{Composição de Endividamento (CE)} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circ.} + \text{Passivo Não Circ.}}$$

Interpretação: Quanto menor, melhor.

Quanto mais dívidas para pagar a curto prazo, maior será a pressão para que a empresa gere recursos para honrar seus compromissos. Conhecendo o Grau de Participação de Capitais de Terceiros na dívida da empresa, a composição do endividamento vai mostrar a qualidade destas dívidas. Dívidas de curto prazo podem apresentar sérias dificuldades para serem quitadas. No longo prazo, a empresa dispõe de mais tempo para gerar recursos suficientes.

1.2.3 Imobilização do Capital Próprio (ICP)

O índice de imobilização do patrimônio líquido indica quanto do patrimônio líquido da empresa está aplicado no Ativo Permanente.

$$\text{Imobilização do Capital Próprio (ICP)} = \frac{\text{Ativo Não Circ.- Realizável a L.P}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Interpretação: Quanto menor, melhor.

O índice de Imobilização do Patrimônio Líquido indica quanto a empresa aplicou em investimentos, imobilizado e intangível para cada \$ 1 de Patrimônio Líquido.

Matarazzo (2008, p. 158) afirma que: “o ideal em termos financeiros é a empresa dispor de patrimônio líquido suficiente para cobrir o Ativo não Circulante e ainda sobrar uma parcela. CCP= Capital Circulante Próprio – suficiente para financiar o Ativo Circulante”. Ou seja, é aconselhável que a empresa possua capacidade de compra e venda sem a necessidade de buscar recursos de capitais de terceiros como bancos e financiadoras.

Portanto os recursos aplicados devem estar estritamente limitados ao necessário para suas atividades operacionais, a empresa deve racionalizar a aplicação dos recursos de forma a não comprometer a sua finalidade própria.

1.3 Índices de Rentabilidade

Com os Índices de Rentabilidade é possível medir em termos econômicos quanto à empresa foi eficiente na sua capacidade de gerar lucros, qual o grau de êxito econômico da empresa. Aqui segundo Matarazzo (1992), termos absolutos não dizem muito coisa, pois de nada adianta informar que uma multinacional teve lucros na casa dos bilhões, mas a padaria da esquina lucrou milhares de unidades monetárias. Para melhor compreensão é necessário comparar lucro com Ativo ou lucro com Patrimônio Líquido. O cálculo deve ser feito de

forma que relacione os valores investidos, quanto à empresa lucrou por unidade monetária investida.

Os índices deste grupo mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos, isto é, quanto renderam os investimentos e, portanto, qual o grau de êxito econômico da empresa.

A combinação de itens do Ativo é que gera Receita para a empresa. Na verdade, o Ativo significa investimentos realizados pela empresa a fim de obter Receita e, por conseguinte, Lucro. Assim, podemos obter a Taxa de Retorno sobre Investimentos. Isso representa o poder de ganho da empresa: quanto ela ganhou por real investido.

1.3.1 Giro do Ativo

Relaciona o total das vendas produzidas com o ativo da empresa. Mostra quantas vezes o ativo girou no período. Corresponde a um índice de eficiência no uso dos ativos. Vendas – correspondem às receitas líquidas de prestação de serviço e venda de produto, líquida de impostos, abatimentos e devoluções.

$$\text{Giro do Ativo} = \frac{\text{Receita Líquida}}{\text{Ativo}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

Indica quanto à empresa vendeu para cada \$ 1 de investimento total. O sucesso de uma empresa depende de um volume de vendas adequado. Geralmente a queda neste índice decorre de retração no mercado, perda na participação no mercado, erro de estratégia (de preços, de prazos etc.).

Mas nem sempre um Giro alto representa um aumento no volume de vendas, no caso de redução na base de ativos também dará uma margem alto de Giro, sendo portanto necessário analisar juntamente com outros índices.

1.3.2 Margem de Lucro

Este índice compara o lucro líquido em relação às vendas líquidas do período, fornecendo o percentual de lucro que a empresa está obtendo em relação ao seu faturamento.

$$\text{Margem de Lucro} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Líquida}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

Indica: quanto à empresa obtém de lucro para cada \$ 1 vendido. Este índice informa a quantidade de vendas na forma relativa, pois nada adianta aumentar o volume total de vendas e diminuir o lucro. A análise feita ao longo do tempo permite ao analista traçar um perfil da evolução ou involução dos lucros da empresa.

1.3.3 Rentabilidade do Patrimônio Líquido

Este índice demonstra quanto de prêmio que os acionistas ou proprietários da empresa estão obtendo em relação aos seus investimentos no empreendimento. O lucro, portanto, é o prêmio do investidor pelo risco do seu negócio.

$$\text{Retorno do Patrimônio Líquido (ROE)} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Interpretação: Quanto maior, melhor.

Indica: quanto à empresa obteve de lucro para cada \$ 1 de capital próprio investido. Calcula o retorno sobre o investimento realizado pelo empresário. O objetivo desta análise é avaliar a Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido, isto é, qual foi o retorno sobre os recursos próprios investidos no negócio por uma empresa.

Essa taxa pode ser comparada com a de outros rendimentos alternativos no mercado, como Caderneta de Poupança, CDB, Ações etc. para avaliar se a empresa oferece rentabilidade superior ou inferior. O Lucro Líquido se acha expurgado da inflação, a Taxa de Retorno do Patrimônio Líquido é real.

2 METODOLOGIA

Em relação à natureza, o estudo classifica-se como qualitativo e quantitativo. Para Neves (1996) na pesquisa qualitativa a obtenção de dados é feita através de contato direto com pessoas que possam dar informações úteis; após o pesquisador deve entender os fenômenos e fazer a interpretação a cerca do estudo realizado.

Já na pesquisa quantitativa a realidade temporal é observada em números (GOMES; ARAUJO, 2004). Sob esse enfoque, Appolinário (2004, p. 155) complementa que essa é uma “modalidade de pesquisa na qual, variáveis predeterminadas são mensuradas e expressas numericamente”.

No que se refere aos objetivos, à pesquisa caracteriza-se como descritiva. Conforme Gonsalves (2007) a pesquisa descritiva tem como propósito escrever as características de um objeto de estudo, sendo que nesse caso a pesquisa não está interessada no porque, nas fontes do fenômeno e sim em apresentar as suas características.

Quanto aos procedimentos técnicos foi realizado um estudo de caso. Para Lima (2008) o método de estudo de caso é uma das alternativas de realizar uma pesquisa empírica e qualitativa sobre o tema escolhido e em tempo real. O estudo pode ser realizado em uma única unidade ou em várias, podendo fazer a comparação das áreas e dar uma visão geral aos pesquisadores, pois é através disso que se realizarão interpretações e investigações acerca do estudo.

Como plano de coleta dos dados, primeiramente, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica, em artigos e livros sobre o tema abordado e, também foi realizada uma pesquisa documental, mais precisamente no BP e DRE da empresa analisada no período de 2015 a 2017. Conforme Lakatos e Marconi (2005) uma pesquisa bibliográfica corresponde a toda bibliografia que já se tornara pública sobre o tema de estudo e, tem por finalidade colocar o pesquisador de frente com tudo o que já foi escrito acerca do assunto.

Enquanto que a pesquisa documental para Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), como o próprio nome sugere, é uma pesquisa que faz o uso de documentos, pois é através deles que a pesquisa torna-se rica nas informações, onde se pode extrair, ampliar e resgatar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Posteriormente, as informações referentes a empresa foram obtidas por meio de observação in loco, bem como entrevistas estruturadas com os diretores financeiros responsáveis. Para alcançar os objetivos pretendidos, aplicaram-se no BP e DRE as fórmulas

referenciadas no embasamento teórico, anteriormente exposto, a fim de se determinar as informações a cerca da situação financeira e econômica.

Julgou-se conveniente não divulgar as demonstrações contábeis da referida empresa por solicitações dos seus dirigentes.

3 ESTUDO DE CASO

No presente tópico aborda-se a parte prática do trabalho científico, apresentando-se o estudo de caso da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF.

3.1 Características gerais da empresa estudada

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF é uma empresa pública, vinculada ao Ministério da Integração Nacional e patrocinadora da Fundação São Francisco de Seguridade Social, entidade jurídica de direito privado, criada pela Lei nº 6.088, de 16 de julho de 1974, alterada pela Lei nº 9.954, de 06 de janeiro de 2000, Lei nº 12.040, de 1º de outubro de 2009, Lei nº 12.196, de 14 de janeiro de 2010, e de acordo com art. 4º da Lei 6.088/74.

Tem por finalidade o aproveitamento, para fins agrícolas, agropecuários e agroindustriais, dos recursos de água e solo dos vales dos rios São Francisco, Parnaíba, Itapecuru e Mearim, diretamente ou por intermédio de entidades públicas e privadas, promovendo o desenvolvimento integrado de áreas prioritárias e a implantação de distritos agroindustriais e agropecuários, podendo, para esse efeito, coordenar ou executar, diretamente ou mediante contratação, obras de infraestrutura, particularmente de captação de água para fins de irrigação, de construção de canais primários ou secundários, e também obras de saneamento básico, eletrificação e transportes, conforme Plano Diretor em articulação com os órgãos federais competentes.

É reconhecida principalmente pela implantação de polos de irrigação, a exemplo do Polo Petrolina–Juazeiro. Investe também na aplicação de novas tecnologias, diversificação de culturas, recuperação de áreas ecologicamente degradadas, capacitação e treinamento de produtores rurais, além da realização de pesquisas e estudos socioeconômicos e ambientais, entre outras ações. Um trabalho que gera emprego e renda para a população residente em sua área de atuação.

Por meio das PPPs (Parcerias Público-Privadas), a Companhia tem buscado parceiros para viabilizar importantes projetos de irrigação em andamento.

A Codevasf participa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal, implantando obras em diversos municípios, no âmbito do Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco.

Uma ação de destaque na área de responsabilidade social é o Projeto Amanhã, através do qual a Empresa promove a capacitação profissional de jovens rurais em atividades agrícolas e não agrícolas relacionadas com as necessidades do mercado regional.

A CODEVASF como empresa pública dependente com capital 100% da União, vem apresentando um prejuízo cada vez maior. Os dados foram tirados em consulta ao endereço eletrônico da Bolsa de Valores de São Paulo.

3.2 Análise das demonstrações contábeis da CODEVASF

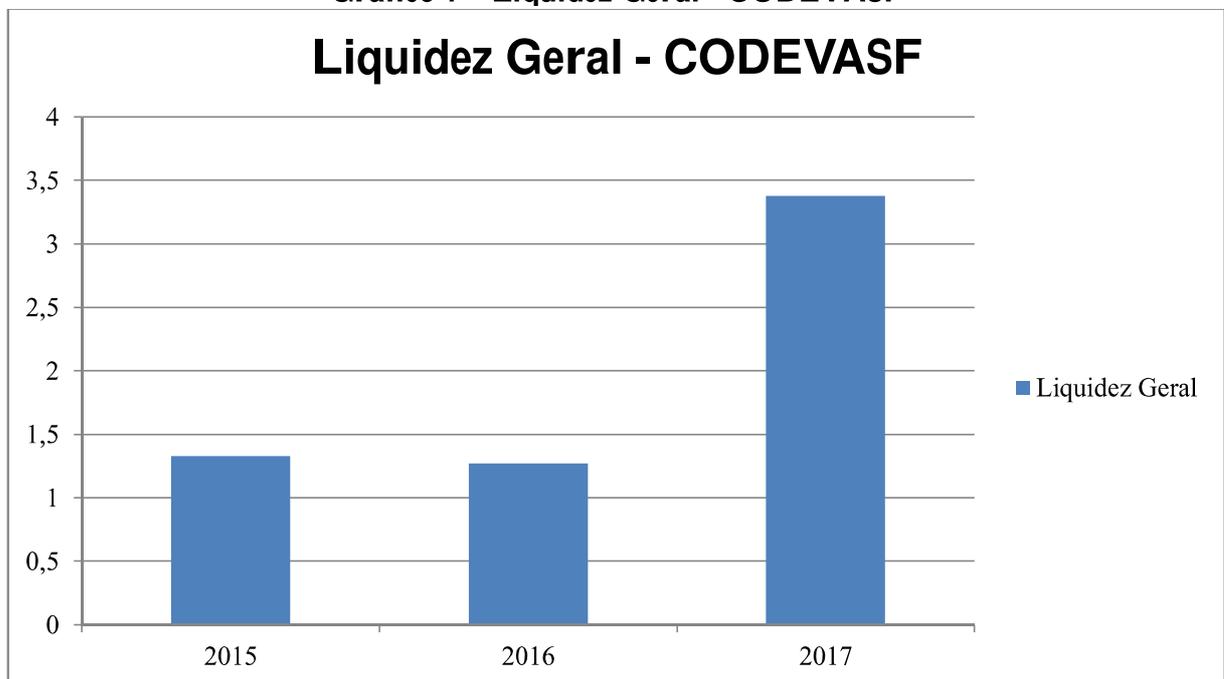
Analizando indicador por indicador seguindo as tendências que a empresa representa, chegamos as seguintes conclusões:

Quadro 1 – Índice de Liquidez Geral

Índice de Liquidez Geral	2015	2016	2017
	1,33	1,27	3,38

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 1 – Liquidez Geral - CODEVASF



FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

O índice mostra que a empresa possui R\$ 1,33 de Ativo Circulante e Realizável a Longo Prazo para cada R\$ 1,00 de dívida total no ano de 2015, no ano de 2016 teve uma queda de R\$ 0,06 já no ano de 2017 sua capacidade de quitar suas dívidas total aumentou para

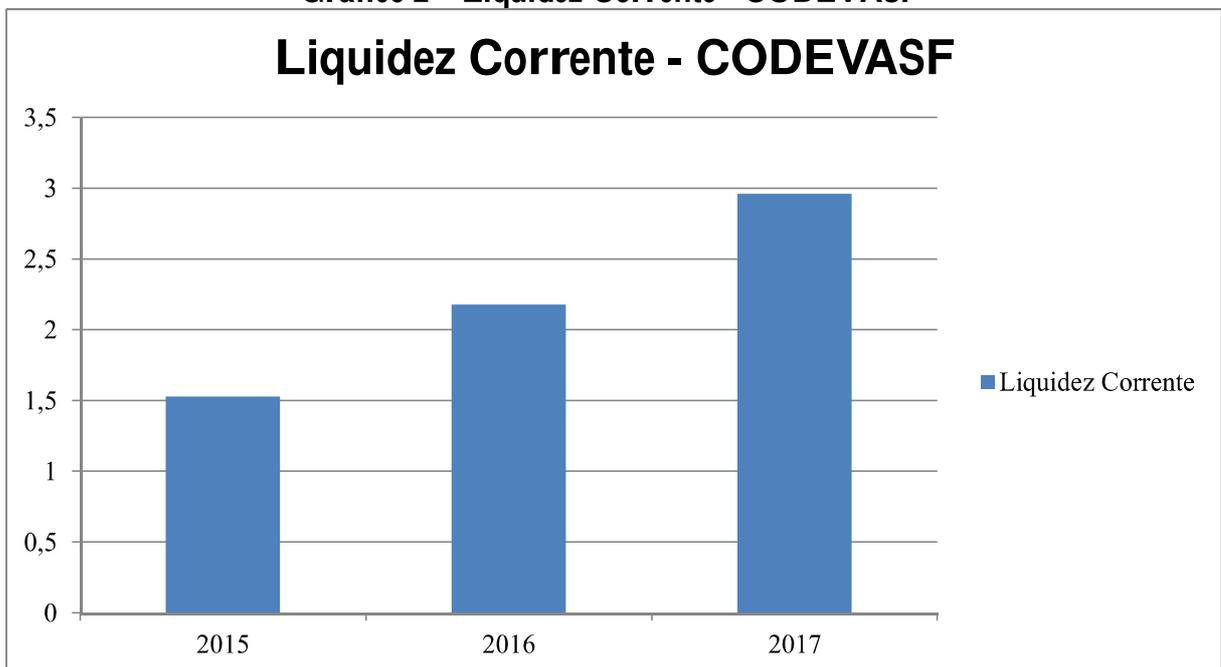
R\$ 3,38, analisando a CODEVASF somente por este índice ela se encontra em ótima situação, mas nem sempre uma empresa capaz de quitar suas dívidas demonstra bons resultados.

Quadro 2 – Índice de Liquidez Corrente

	2015	2016	2017
Índice de Liquidez Corrente	1,53	2,18	2,96

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 2 – Liquidez Corrente - CODEVASF



FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

A Liquidez Corrente é semelhante a Liquidez Geral, com particularidade de medir apenas os itens do Ativo Circulante em relação ao Passivo Circulante mostra, portanto, que a empresa possui R\$ 1,53 de direitos a curto prazo para cada R\$ 1,00 de dívida a curto prazo no ano de 2015, no ano de 2016 teve um aumento de R\$ 0,65 e no ano de 2017 foi para R\$ 2,96, podemos ver que a sua capacidade de quitar suas dívidas a curto prazo está aumentando no decorrer dos anos, sendo que não é certo que receberá realmente o que tem a receber a curto prazo, então este índice por si só não é tão seguro.

ÍNDICE DE LIQUIDEZ SECA

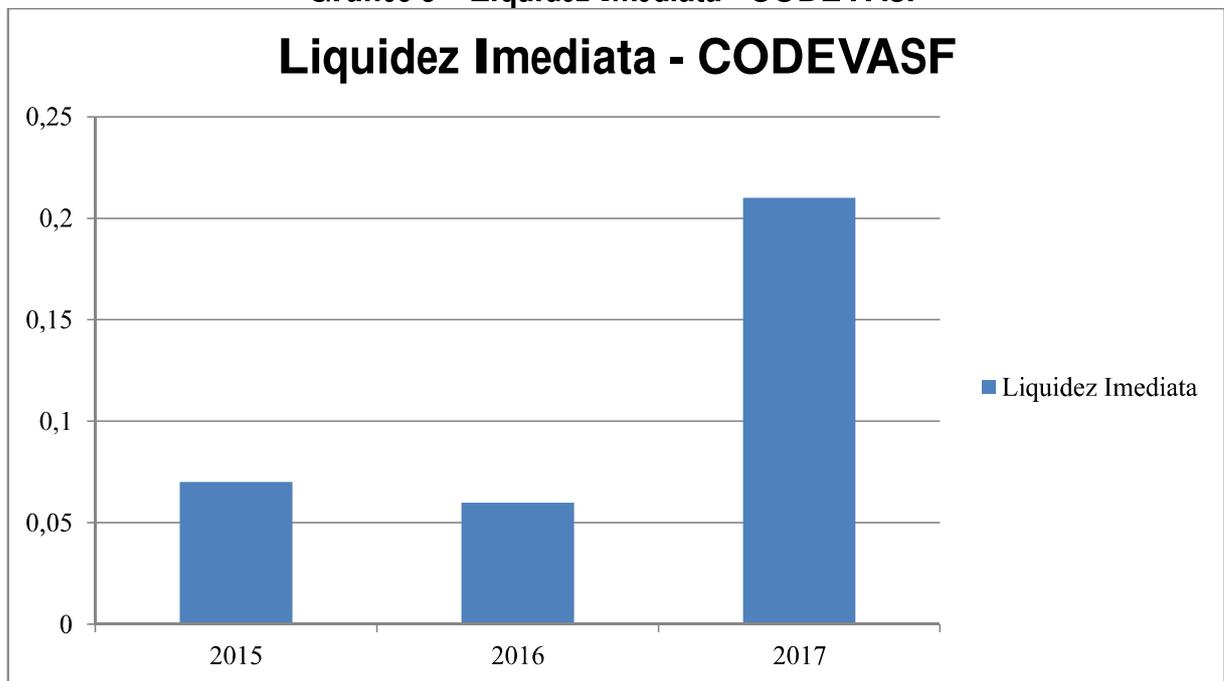
Como a empresa não possui estoques este índice será o mesmo valor do índice de liquidez corrente já estudado.

Quadro 3 – Índice de Liquidez Imediata

Índice de Liquidez Imediata	2015	2016	2017
	0,07	0,06	0,21

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 3 – Liquidez Imediata - CODEVASF



FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Neste índice como estudamos somente o disponível em relação as dívidas a curto prazo, teve uma queda em relação ao índice de liquidez corrente. Vemos que a empresa possui R\$ 0,07 de disponível para saldar cada R\$ 1,00 de Dívida a curto prazo, ou seja, uma situação desfavorável, no ano de 2016 o índice foi de R\$ 0,06 e 2017 R\$ 0,21, como estudamos anteriormente este índice não tem muito realce.

Gráfico 4 – Comparação dos Índices de Liquidez

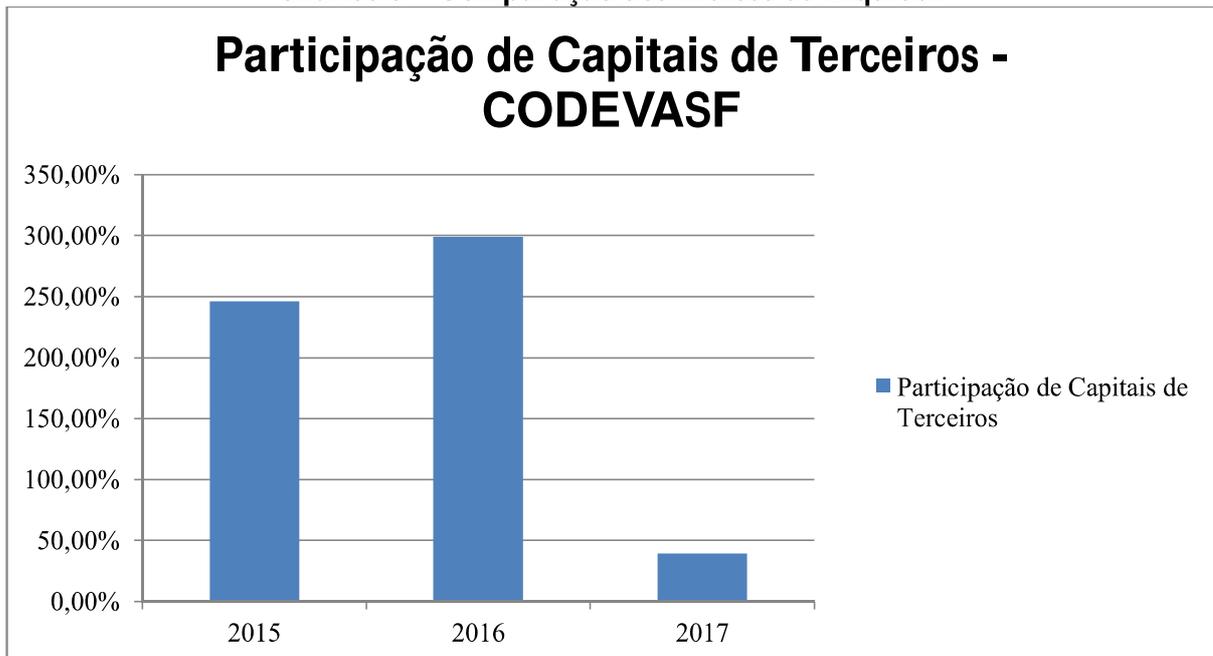
FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Conforme gráfico, analisando apenas os Índices de Liquidez, percebe-se que a situação financeira da empresa em 2015 a 2017 apresentou uma evolução apesar de no ano de 2016 os índices de Liquidez Geral e Liquidez Imediata ter tido uma pequena queda, no ano de 2017 todos os índices demonstraram que a empresa teve uma ótima capacidade de saldar suas dívidas com terceiros, principalmente o Índice de Liquidez Geral no ano de 2017 que passou de R\$ 1,33 para R\$ 3,38.

Quadro 4 – Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais

Índice de Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais	2015	2016	2017
	246,13%	299,31%	39,27%

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 5 – Comparação dos Índices de Liquidez

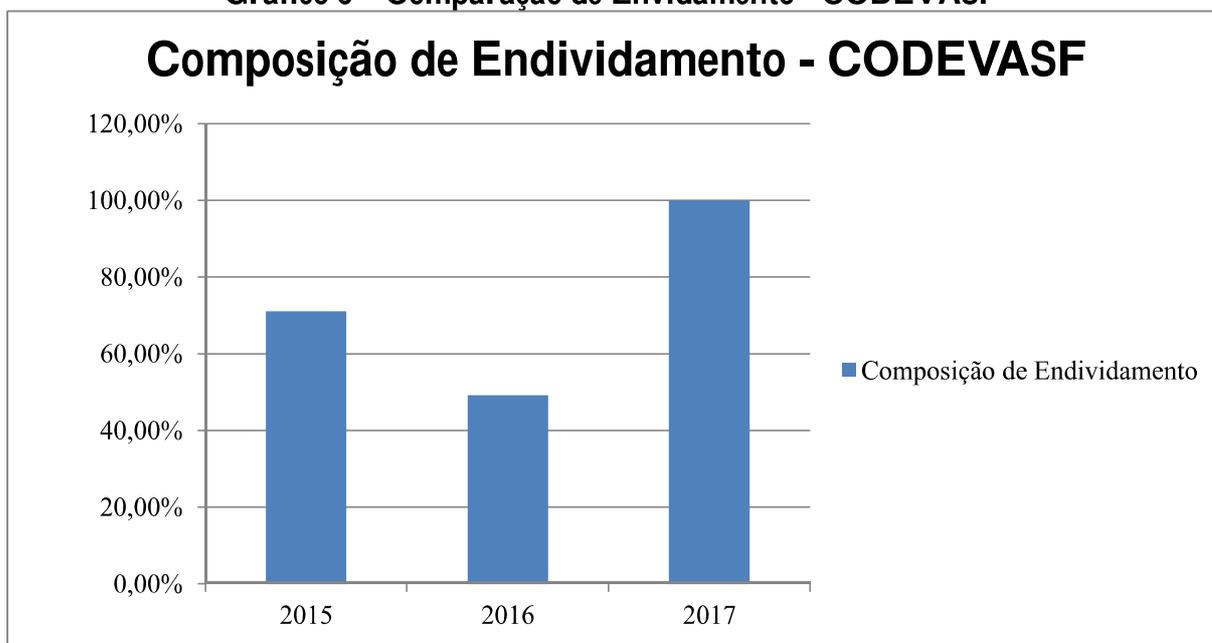
FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

O índice de Capitais de Terceiros como vimos anteriormente mostra quanto à empresa tomou de Capital de Terceiros para R\$ 100,00 de Capital Próprio. Vemos que a empresa teve uma queda de 24,6% no ano de 2015 para 3,9% em 2017, sendo sua interpretação quanto menor melhor, ela se encontra em boa situação no ano de 2017.

Quadro 5 – Composição de Endividamento

Composição de Endividamento	2015	2016	2017
	71,06%	49,25%	99,96%

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 6 – Comparação de Endividamento - CODEVASF

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Este índice demonstra qual o percentual de obrigações a curto prazo em relação as obrigações totais. Analisando a tabela e o gráfico vemos que as obrigações da CODEVASF passaram a ser consideravelmente de curto prazo, pois o índice aumentou 28,9%.

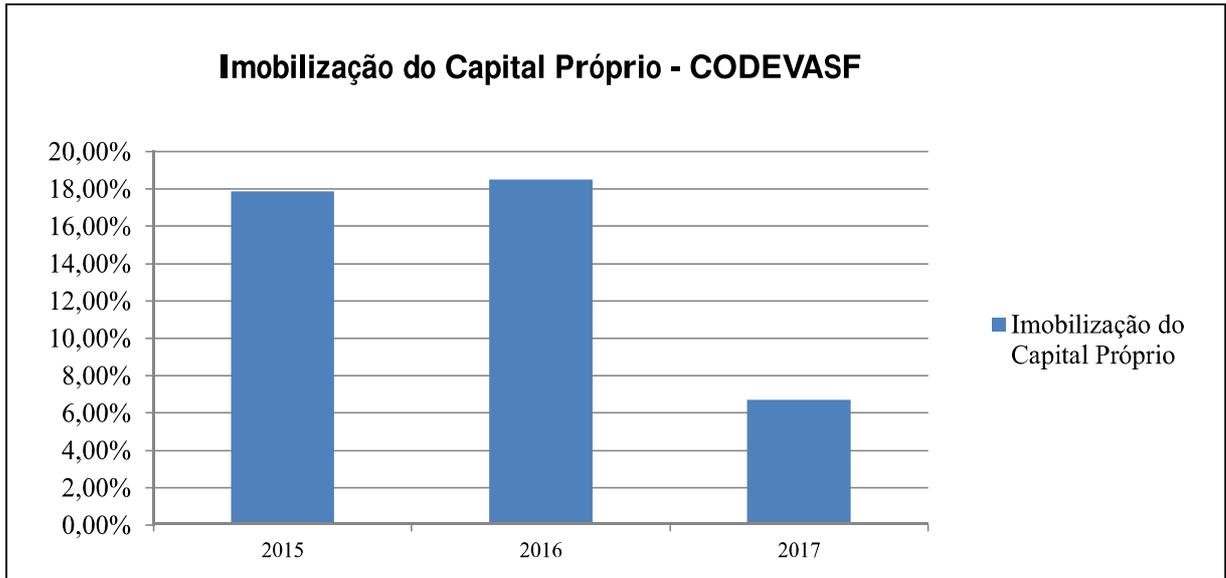
Esse aumento foi devido a duas dívidas do Exigível a Longo Prazo que foram findadas, uma foi a de Entidade de Previdência Complementar que teve seu saldo atualizado e transferido para Obrigações em Circulação em 2017. E a outra foi o valor de outras obrigações exigíveis que teve seu saldo zerado ao longo do exercício de 2017, conforme apuração do resultado de cada mês, em virtude dos aspectos das contas de resultado aumentativo que influenciaram na apuração do resultado/2016, tendo sua compensação no exercício de 2017.

No entanto não é tão preocupante, pois como já analisamos anteriormente ela tem uma boa concentração de recursos e direitos a curto prazo, mas ainda é melhor contrair dívidas a Longo Prazo devido a um mercado tão inconstante.

Quadro 6 – Imobilização do Capital Próprio

	2015	2016	2017
Imobilização do Capital Próprio	17,89%	18,51%	6,72%

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 7 – Imobilização do Capital Próprio - CODEVASF

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

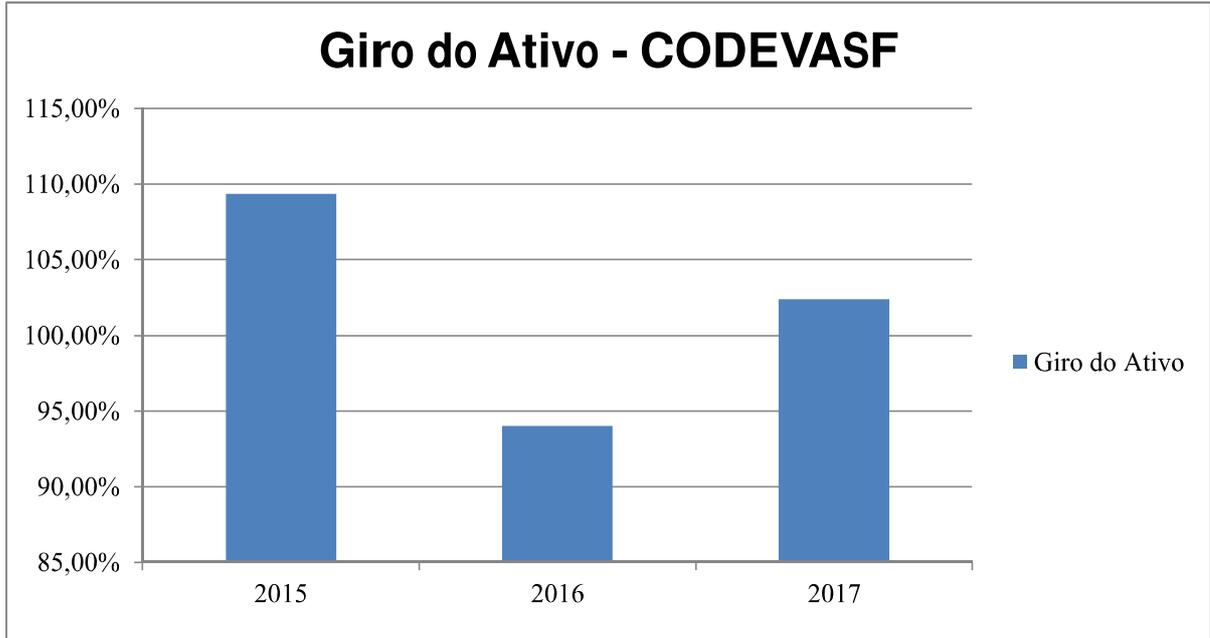
O Grau de Imobilização do Capital Próprio evidência a relação entre o ativo permanente para com Capitais Próprios. Como o ativo permanente é menos líquido da estrutura, é bem melhor que tenha como fonte de origem o capital próprio que é o último na ordem de exigibilidade. A empresa apresentou índices como 17,89% em 2015, 18,51% em 2016 e 6,72% em 2017. Devido a ser quanto menor melhor ela se encontra em boa situação pois seu Capital Próprio é bem maior que o Ativo Permanente.

Quadro 7 – Giro do Ativo

Giro do Ativo	2015	2016	2017
	109,34%	94,04%	102,40%

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 8 – Giro do Ativo - CODEVASF



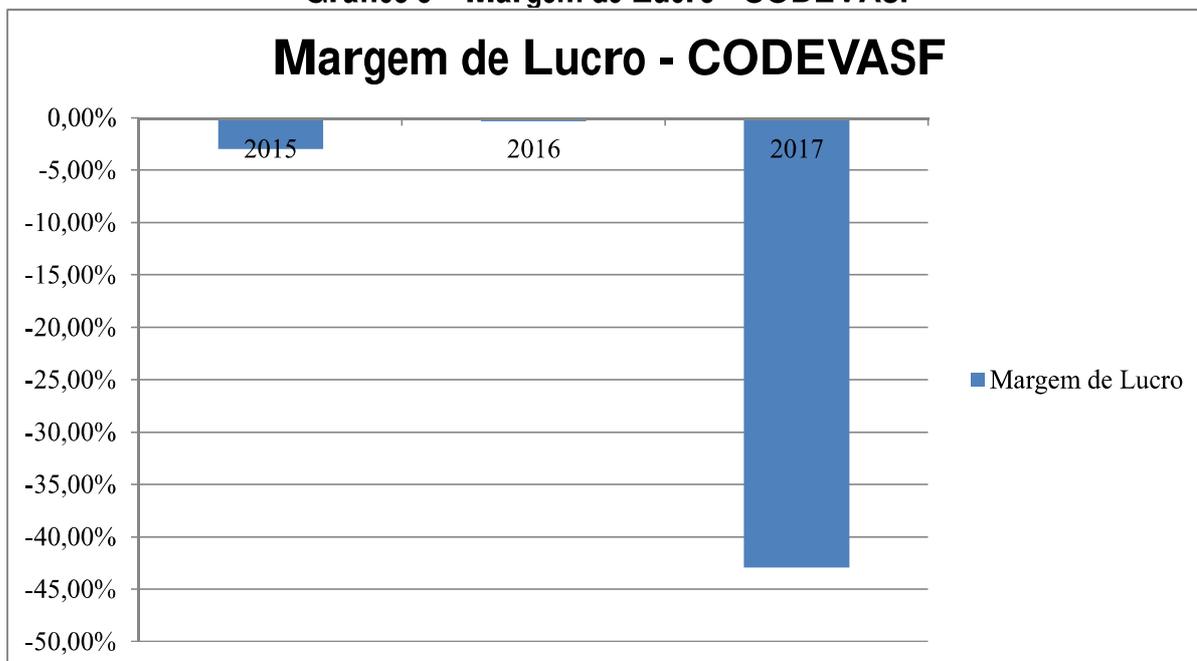
FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

O Giro do Ativo compara o quanto de receita líquida a empresa possui em comparação ao ativo total. De 2015 para 2016 houve uma queda e um aumento de 2016 para 2017, mas ainda assim comparando 2015 com 2017 teve uma queda de 6,94%. Este índice quanto maior melhor, no caso desta CODEVASF não está preocupante porque tanto a receita líquida aumentou quanto o ativo total teve um aumento, por isso houve essa queda.

Quadro 8 – Margem de Lucro

Margem de Lucro	2015	2016	2017
		-2,96%	-0,36%

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 9 – Margem de Lucro - CODEVASF

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

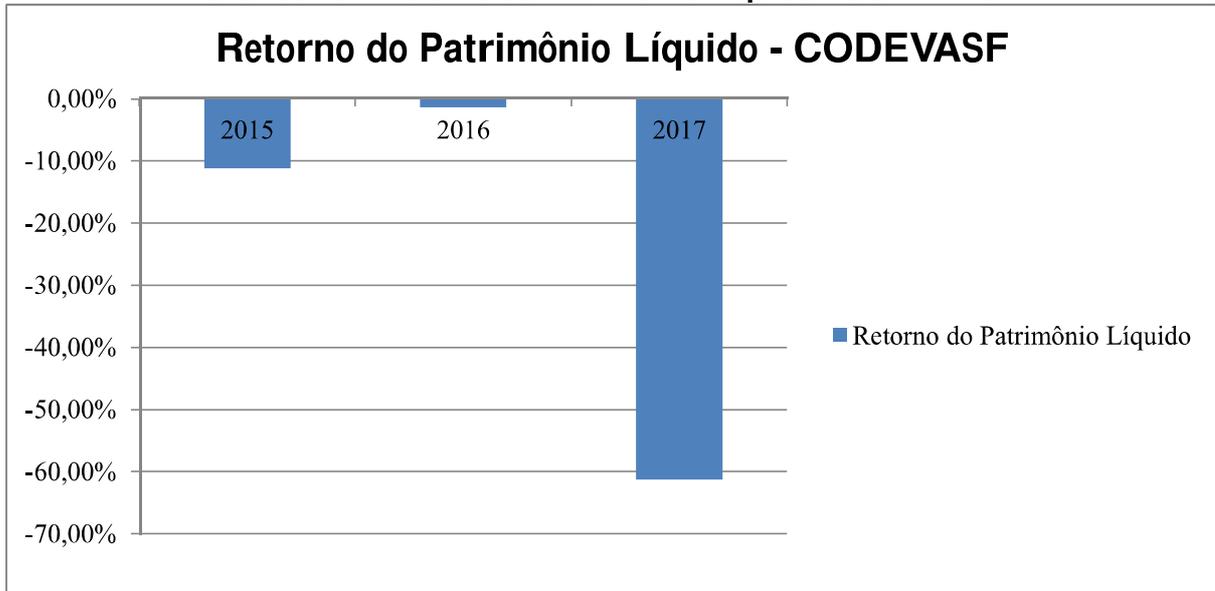
Analisando este índice podemos perceber o problema da empresa ela teve um aumento em suas receitas líquidas, mas o prejuízo foi significativo e este prejuízo foi devido ela ser uma empresa pública dependente com capital 100% da União, se tornou sujeita ao SIAFI, situação específica para as empresas contabilizarem o recebimento de seus recursos, tendo como contrapartida a conta 24.214.00.00 Reservas para Transferências para Aumento de Capital, aumentando o patrimônio líquido da Estatal, em conformidade com as orientações da Secretaria do Tesouro Nacional, Foi contabilizado o valor R\$ 592.982 mil, a qual se somou ao valor de R\$ 85.648 mil registrado anteriormente a dívida externa passou a ser gerenciada pelo Tesouro Nacional e o saldo de R\$ 85.648.863,03 totalmente desembolsado, foi repassado à Coordenadoria de Controle da Dívida Pública, no mês de junho de 2015, totalizando o valor de R\$ 678.138 mil na referida conta contábil. Essa nova sistemática de contabilização foi fator determinante para gerar o Resultado Deficitário de R\$ 282.831 mil.

Portanto uma queda tão grande no índice de 2015 para 2017 de 39,98%.

Quadro 9 – Retorno do Patrimônio Líquido

Retorno do Patrimônio Líquido	2015	2016	2017
	-11,21%	-1,37%	-61,25%

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

Gráfico 10 – Retorno do Patrimônio Líquido - CODEVASF

FONTE: Elaborado pelo autor (2018).

O Retorno do Patrimônio Líquido demonstra o quanto a empresa obteve de lucro para cada Capital Próprio Investido, os índices da CODEVASF teve uma queda de 50,04% e esta queda foi também devido aumento da conta de reservas de capital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo estudar a importância da análise das demonstrações contábeis para as empresas, em específico foi feito um estudo de caso na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF.

Ao analisar os índices de liquidez vemos que nos três últimos anos a empresa CODEVASF estava em uma situação financeira boa ela teve uma ótima capacidade de saldar suas dívidas com terceiros.

Vemos a importância de se estudar mais de um índice para compreender a real situação da empresa, existem índices, mas foram utilizados os mais importantes para compreensão da parte acadêmica.

Ao analisar os índices de estrutura e rentabilidade observa-se que suas despesas aumentaram proporcionais as receitas, algumas dívidas a longo prazo foram findadas, então não foram o motivo principal desse significativo prejuízo.

O que teve uma forte influência para o aumento foi o fato de a empresa CODEVASF por se tratar de empresa pública, sem fins lucrativos e ser dependente da União está sujeita a uma nova forma de contabilização tendo que fazer alguns repasses para investimentos para população.

Sugiro a continuidade desse trabalho para uma nova pesquisa futura em relação aos outros índices e também analisar a estrutura gerencial da empresa citada, em relação as ferramentas de custeio e também gerencial, como: GECON, ABC, BSC e todas as ferramentas necessárias para averiguar detalhadamente toda situação da empresa analisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTÁCIO, Adolfo Caliston. **Análise das demonstrações contábeis e sua Importância na verificação da situação econômico-financeira das empresas.** Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Contabeis295565>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

ANTONELLO, Ricardo. **Análise das demonstrações financeiras padronizadas sob a ótica do investidor.** Disponível em: <<http://www.antonello.com.br/wp-content/uploads/2012/02>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2004.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, F. P.; ARAUJO, R. M. **Pesquisa Quanti-Qualitativa em administração: uma visão holística do objeto em estudo.** In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA-USP, 8., 2005, São Paulo. Anais... Semead, São Paulo, 2005.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 4. ed. São Paulo: Alínea, 2007.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balanços.** 7ª Ed., São Paulo: Atlas, 1998. 10ª Ed. 2009.
MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial.** São Paulo : Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LIMA, M. C. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial.** 6ª Ed., São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Eliseu. DINIS, Josedilton Alves. MIRANDA, Gilberto José. **Análise Avançada das Demonstrações Contábeis.** São Paulo: Atlas, 2012.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, ano I, n. I, jul. 2009.

SILVA, Adilson Duarte. **Análise das demonstrações financeiras da Intelbras.** Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Adilson%20Silva.pdf>>. Acesso em 29 de setembro de 2018.